

# FMI e bancos recebem bem novo pacote de medidas

Michel Camdessus, que soube das medidas diretamente pelo Governo, diz que taxas caem quando Congresso ajudar

José Meirelles Passos, Ascânio  
Seleme e Débora Berlinck

Correspondentes

• WASHINGTON, PARIS, GENEVRA e BONN. A resposta, positiva, parece ter sido bem mais ampla do que o próprio Governo brasileiro esperava. Duas horas depois de anunciado, o pacote fiscal recebeu o selo de aprovação do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e de investidores internacionais.

— Recebemos esse pacote com satisfação, pois ele atesta a determinação do Governo em salvaguardar os ganhos obtidos com o Plano Real, como a deflação e a melhoria dos padrões de vida do brasileiro — saudou o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus.

Depois de contar que fora informado sobre as medidas diretamente pelas autoridades brasileiras, ele previu que as taxas de juros deverão cair quando o pacote for absorvido pelo Congresso.

— A firme implementação dessas medidas, em combinação com uma rápida aprovação das reformas constitucionais pendentes no Congresso, e com o uso da maior parte da arrecadação obtida com as privatizações para reduzir a dívida pública, criará as condições para uma rápida melhoria da balança de pagamentos e para um precoce e sustentável declínio das taxas de juros — disse Camdessus, em Washington.

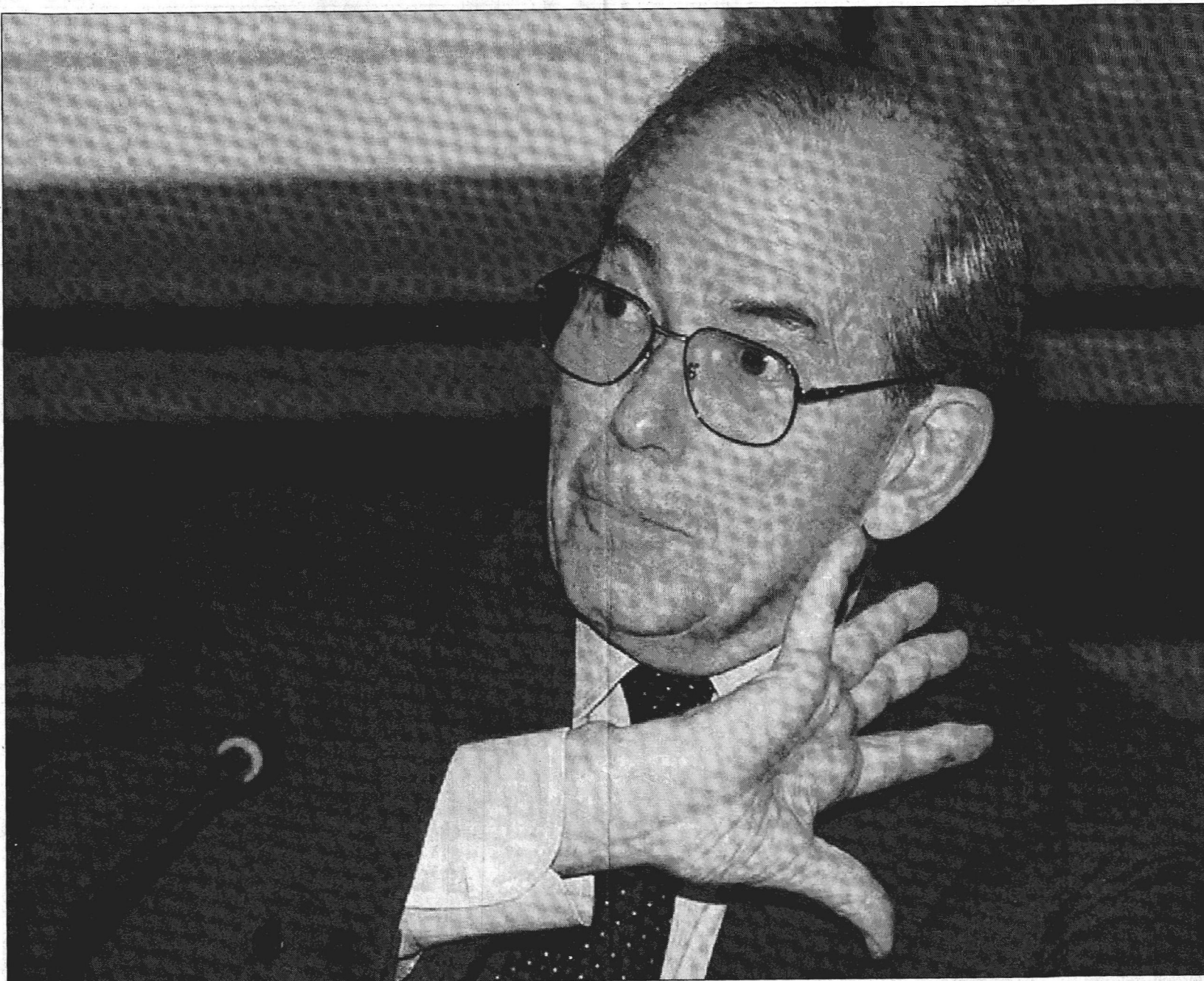
## Fischer: “O risco de ataque ao Brasil foi reduzido”

Ao receber a notícia em Moscou, o vice-diretor gerente do FMI, Stanley Fischer, sugeriu que o novo pacote serviria como uma espécie de escudo diante das pressões externas. Com ele, disse o executivo, o Brasil reduzia o risco de um ataque especulativo sobre a sua moeda:

— Acredito que aquilo que era o maior perigo para a América Latina, ou seja, um exitoso ataque sobre o Brasil, foi substancialmente reduzido — afirmou.

Em Nova York, o economista chefe do BID, Ricard Hausmann, se disse “impressionado” com o alcance do pacote, em termos da economia que ele busca:

— Vinte milhões de reais! Isso é impressionante. Se os brasileiros



MICHEL CAMDESSUS, diretor-geral do FMI: “Recebemos o pacote com satisfação, pois ele atesta a determinação do Governo em salvaguardar o Plano Real”

conseguirem realmente colocar as medidas em prática, isso representará um ajuste tremendo. Minha sugestão é a de que o Governo dê atenção específica à implementação das medidas fiscais propostas: é preciso mostrar ao mundo que elas serão mesmo uma realidade — disse.

Nos meios privados a reação também foi positiva. A ING Barings, por exemplo, anunciou uma imediata revisão de suas estimativas em relação ao Brasil. A empresa reduziu sua previsão de crescimento da economia nacional em 1998 de 4,5% para 3,5%, em função do aperto que as novas medidas causarão.

Em compensação, as consequências serão positivas em outras áreas. A projeção do déficit da conta corrente caiu de US\$ 40 bilhões para menos de US\$ 35 bilhões. E a inflação, prevista para 4,5% ao ano, seria de 3%.

Em Nova York, Walter Molano, diretor de pesquisas da SBC Warburg, para a América Latina, ressaltou uma falha:

— Ainda que o efeito imediato das medidas seja positivo e proteja o Real, o Governo falhou ao encarar problemas estruturais. Eu preferia que ele tivesse abreviado o roteiro para realizar as reformas administrativa e da seguridade social. Até aqui as autori-

dades vêm ganhando tempo, através da privatização. Mas as reformas são necessárias agora mesmo — disse Molano.

Na Europa, os mais otimistas enxergam um lado positivo. Ontem, poucos analistas europeus se consideravam bem informados para dar opinião sobre o futuro da economia brasileira. Alguns arriscavam argumentar sobre o que chamam em Paris de “boa vontade” do Brasil em acertar. Na quinta-feira passada, com os contornos do pacote já mais ou menos delineados, o diretor-gerente do FMI, produziria uma pequena frase simbólica, ótima para definir já na véspera por on-

de deveria mesmo caminhar os Governos do Brasil e dos demais países da América Latina.

— A América Latina sem dúvida ganhou uma batalha, mas ainda não ganhou a guerra — disse Michel Camdessus.

Em Bonn, Heinz Mewes, diretor do Dresdner Bank Lateinamerika AG, um instituto que desde o início do século tem negócio com o Brasil, disse que o “pacote fiscal é para o mercado de investidores de qualquer forma um sinal de que o Brasil está encarando seriamente o problema”.

Para Mewes, que vem acompanhando a economia brasileira desde a época da hiperinflação,

não resta dúvida de que há problemas sérios, mas estes são sobretudo o déficit da balança de pagamento. As reformas urgentes para aumentar a confiança do mercado internacional da economia brasileira devem ser feitas, na sua opinião, na administração pública, no sistema fiscal e no seguro social.

No Ministério da Economia da Alemanha, o porta-voz encarregado do Brasil preferiu não fazer comentários. Um auxiliar do ministro Günter Rexrodt, que acaba de voltar de uma viagem ao Chile, disse que o ministro continua vendo o Brasil como uma grande área de interesse dos alemães.

## Bancos suíços aplaudem medidas do Governo

Na Suíça, analistas dos grandes bancos do país aplaudiram o pacote brasileiro. É uma medida corajosa e um sinal forte de que o Brasil está determinado a corrigir seus déficits, disseram. Mas todos alertaram: os investidores estão emotivos e o país não escapará de uma nova crise se houver mais tumulto na Ásia.

Walter Molano, economista do Swiss Bank, o segundo maior banco suíço, diz que o Governo brasileiro “deve ser louvado por sua coragem de adotar medidas severas, primeiro estabilizando o câmbio e depois baixando pacote com medidas fiscais”.

Em Londres, o Governo brasileiro foi aplaudido pela City. Mas sem o apoio do Congresso para aprovar o pacote fiscal, atestam executivos financeiros, será difícil para o Brasil restaurar a confiança do mercado externo. Entre os analistas da City, ninguém tem dúvidas de que a principal consequência do pacote será a redução do crescimento econômico.

— Não acredito que essas medidas provoquem uma grande recessão, assim como também não creio que o déficit público será reduzido logo. Mas se forem totalmente implementadas, elas poderão representar uma receita fiscal da ordem de 11%. No entanto, certamente haverá uma redução no crescimento econômico de 1,5% a 2% — prevê Isaac Tabor, do Westmerchant Bank. ■

• CONGRESSO PODE MODIFICAR PONTOS DO PACOTE na página 34